

***O GIGANTE EGOÍSTA E O AMIGO DEDICADO:* CAMINHOS SEMIÓTICOS**

Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira¹

Páscoa Maria Pereira Duarte²

RESUMO:

O presente artigo trata concisamente da teoria semiótica francesa ou greimasiana discorrendo sobre os três níveis do percurso gerativo de sentido: fundamental, narrativo e discursivo. A semiótica francesa interessa-se, em termos breves, pelo sentido ou sentidos de um texto, percorre-se um caminho em busca da compreensão de uma composição. Apoiando-se nessa teoria semiótica faz-se aqui uma análise de *O gigante egoísta* e de *O amigo dedicado*, ambos os contos do escritor Oscar Wilde. Fazendo o percurso gerativo quanto ao nível fundamental, verifica-se a existência de um mesmo par opositivo, porém com interpretações diferentes em cada história. No nível narrativo, estabelecem-se as conjunções e disjunções, os sujeitos e os objetos, bem como os programas narrativos. Enfim, no nível discursivo, são analisadas as seleções de tempo, espaço, narrador e as isotopias figurativas e temáticas.

Palavras-chave: Oscar Wilde, *O gigante egoísta*, *O amigo dedicado*, semiótica, análise.

Abstract:

This paper is about the French or greimasian semiotic theory discoursing about the three level of the generative trajectory of meaning: the deep semio-narrative structures, the surface semio-narrative structures and the discursive structures. The French semiotic is interested, in short terms, for the meaning (one or more) of the text, it scrolls through a path in quest of a composition's comprehension. Based on this semiotic theory is made here a review of *The selfish giant* and of *The devoted friend*, both tales of the writer Oscar Wilde. About the first level of the generative trajectory, there is a same oppositive pair in both stories, but they have different interpretations on each one. On the second level, we established the conjunctions and disjunctions, the subjects and the objects, as well as the narrative programs. Ultimately, on the third level are analyzed the selections of time, space, storyteller and the figurative and thematic semes or isotopies.

Key-words: Oscar Wilde, *The selfish giant*, *The devoted friend*, semiotic, review.

¹ Professora Doutora na Universidade Federal do Amazonas, líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa – GEPELIP.

² Graduanda em Letras - Língua e Literatura Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas, integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa – GEPELIP.

INTRODUÇÃO

Oscar Wilde, escritor inglês do século XIX, publicou muitos escritos aclamados, incluindo *O Retrato de Dorian Gray* (*The Picture of Dorian Gray*), *A importância de ser prudente* (*The Importance of Being Earnest*) e *O Fantasma de Canterville* (*The Canterville Ghost*). Neste artigo, escolhemos para análise os contos *O gigante egoísta* (*The selfish giant*) e *O amigo dedicado* (*The devoted friend*) publicados pela primeira vez em 1888 no livro *O príncipe feliz e outros contos* (*The happy Prince and other tales*).

O primeiro conto traz a história de um gigante que após uma longa viagem volta para sua casa encontrando várias crianças a brincar no seu jardim. Ele as expulsa e veda o acesso ao jardim, como “punição” a Primavera, o Outono e o Verão “recusam-se a chegar” ao jardim, pois o gigante é muito egoísta, apenas o Inverno habita no jardim. Até que um “menininho” consegue entrar no jardim e desperta a bondade do gigante que passa a permitir a entrada das crianças, derrubando o muro que havia construído. Desse modo, o jardim volta a ser florido e bonito com a presença das outras estações e o gigante torna-se amigo das crianças. O gigante sente falta do misterioso “menininho”, mas ninguém se lembra de conhecê-lo, até que um dia ele reaparece, machucado, o que desperta a fúria do gigante, mas a criança o acalma e “leva-o” para o seu jardim, o Paraíso.

No segundo, um Pintaroxo conta para um Rato uma história sobre amizade. Hugo, o Moleiro, gostava de dizer belos discursos a respeito da amizade e das qualidades que compõe um bom amigo, bem como suas obrigações. Hans, amigo do Moleiro, faz vários favores para este impelido pelos seus discursos que insistiam que já que ele daria o seu carrinho de mão para Hans como um presente generoso, nada mais natural ele fazer algumas coisas em troca. Todos os dias novas tarefas, enquanto a vida de Hans vai ficando de lado para atender ao amigo (que, aliás, era rico, ao contrário de Hans). Certa noite, em uma das tarefas pedidas, chamar um médico em meio a uma nevasca em um terreno perigoso, Hans morre. Ao final, o Pintaroxo diz que há uma moral, ao que o Rato fica extremamente aborrecido e a Pata, outra personagem, diz que é sempre perigoso contar uma história com moral.

Ambos os contos são classificados como “literatura infantil” e apresentam uma nota do próprio Oscar Wilde de que o público visado é o infantil². Mas mesmo com esse rótulo, não deixam de atingir qualquer pessoa sensível as mensagens neles incutidas e a arte literária, muito menos de serem dignos de estudos teóricos, uma vez que a literatura como arte não se

²Eis a nota: “Oscar Wilde intended this story to be read to children”.

curva a categorias como “para crianças”, “para adultos” ou “para mulheres”. Aqui os analisaremos sobre o viés da semiótica greimasiana apoiando-se principalmente nas obras *Teoria semiótica do texto*, de Diana Luz Pessoa de Barros e *Elementos de análise do discurso*, de José Luiz Fiorin. Ao percorrer os três níveis do percurso gerativo de sentido, mostraremos o quanto esses contos são ricos de significados, trazendo temas concernentes à vida e à realidade humana em suas esferas mais profundas.

1 TEORIA SEMIÓTICA GREIMASIANA E APLICAÇÃO NOS CONTOS *O GIGANTE E GOÍSTA* E *O AMIGO DEDICADO*

Essa teoria volta seu olhar científico especificamente para o texto, visto simultaneamente como “objeto de significação” e “objeto de comunicação” já que se usa de mecanismos linguísticos para se ter um todo uno que gera um sentido ou vários, envolvendo na ação comunicativa um sujeito que escreve e outro que lê, ambos inseridos em um meio social e tempo histórico. A partir de tal concepção, a semiótica “procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz.” (BARROS, 2000, p. 7).

A semiótica greimasiana busca, em termos concisos, o sentido ou os sentidos de um texto empreendendo um percurso gerativo de três níveis: fundamental, narrativo e discursivo, em outras palavras, parte-se “do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto”. (BARROS, 2000, p. 9). Uma ressalva precisa ser feita aqui, esta teoria não busca o “sentido em si”, mas, conforme nos diz Denis Bertrand, “interessa-se pelo ‘parecer do sentido’, que se apreende por meio das formas da linguagem, mais concretamente, dos discursos que o manifestam, tornando-o comunicável e partilhável, ainda que parcialmente.” (2003, p. 11).

O primeiro nível chamado de fundamental investiga “as categorias semânticas que estão na base de construção de um texto” (FIORIN, 2001, p. 18), apreende-se a (s) oposição (ões) que alicerçam a composição, /vida/ *versus* /morte/, /conhecimento/ *versus* /ignorância/ etc.. Em *O gigante egoísta* temos uma oposição importantíssima, a do /egoísmo/ *versus* /generosidade/.

Egoísmo

- O meu jardim é meu jardim – disse o Gigante. – Qualquer um pode compreender isso. Eu não vou permitir que ninguém brinque nele, a não ser eu mesmo.

De modo que ele construiu um muro alto em torno do jardim e colocou um cartaz de aviso: Proibido entrada de estranhos
Quem desobedecer será castigado

Ele era um Gigante muito egoísta. (WILDE, 2014, p. 1)

Na obra original,

- My own garden is my own garden,' said the Giant; 'any one can understand that, and I will allow nobody to play in it but myself.' So he built a high wall all round it, and put up a notice-board.

TRESPASSERS
WILL BE
PROSECUTED³

He was a very selfish Giant. (WILDE, 2014, p. 1)

Generosidade

“- Agora o jardim é de vocês, crianças – disse o Gigante. E pegando um imenso machado, derrubou o muro. Quando toda a gente começava a ir para o mercado, ao meio-dia, lá estava o Gigante brincando com as crianças no jardim mais bonito que todos já haviam visto.” (WILDE, 2014, p. 3). Na versão inglesa, “It is your garden now, little children,' said the Giant, and he took a great axe and knocked down the wall. And when the people were going to market at twelve o'clock they found the Giant playing with the children in the most beautiful garden they had ever seen.” (WILDE, 2014, p. 3).

Essas “categorias fundamentais são determinadas como positivas/eufóricas e negativas/disfóricas.” (BARROS, 2000, p. 10). No conto em questão, a generosidade é eufórica, uma vez que é vista como um traço bom e o egoísmo é disfórico, afinal o gigante é até punido pelas “estações da natureza” por sua atitude egoísta. Temos então o esquema:

EGOÍSMO x GENEROSIDADE
(disfórico) (eufórico)

No plano sintático, há a afirmação de um dos termos, seguida pela negação do mesmo e a afirmação do oposto ao primeiro.

AFIRMAÇÃO DE A > NEGAÇÃO DE A > AFIRMAÇÃO DE B

Afirmação do egoísmo > Negação do egoísmo > Afirmação da generosidade

Respectivamente, os trechos que comprovam esse esquema são: “Ele era um Gigante muito egoísta.” > “Ele estava realmente arrependido do que tinha feito./ Quando viram que o Gigante não era mais mau...” > “- Agora o jardim é de vocês, crianças – disse o Gigante.” (WILDE,

³ Prosecuted significa processado. A inscrição “trespasserswillbeprosecuted” também pode ser traduzida como “quem ultrapassar será punido”. De um modo geral trata-se de um aviso de que determinada área é proibida e quem invadir será levado para punição. Fonte: Rediff Q&A. Disponível em: <<http://qna.rediff.com/questions-and-answers/what-do-you-mean-by-trespassers-will-be-prosecuted/9742842/answers>>. Acesso em 29 de jun. 2014.

2014, p. 1, 2, 4). Notem que no início o gigante nega partilhar seus bens com os outros, especificamente, as crianças, em seguida arrepende-se e as crianças reconhecem que ele não é “mais mau”, isto é, o egoísmo é negado, por fim, ele declara a partilha do jardim num gesto assumido de generosidade.

Em *O amigo dedicado* são encontradas também as categorias semânticas egoísmo *versus* generosidade: “Os amigos verdadeiros repartem tudo entre si - costumava dizer o Moleiro e o pequeno Hans balançava a cabeça e sorria, sentindo-se muito orgulhoso por ter um amigo com tão nobres ideias.” (WILDE, 2014, p. 2) e “Posso estar equivocado, mas deveria ter pensado que a amizade, a verdadeira amizade, estivesse completamente isenta de egoísmo de qualquer espécie.” (WILDE, 2014, p. 5). O trecho retirado da versão inglesa, respectivamente, são: “Real friends should have everything in common, - the Miller used to say, and little Hans nodded and smiled, and felt very proud of having a friend with such noble ideas.” (WILDE, 2014, p. 2) e “I may be wrong, but I should have thought that friendship, true friendship, was quite free from selfishness of any kind.” (WILDE, 2014, p. 6).

Só que neste conto, diferente de *O gigante egoísta*, temos: afirmação da generosidade > negação da generosidade > afirmação do egoísmo. E neste caso, a generosidade é marcada como disfórica tanto no discurso hipócrita do Moleiro “Asseguro a vocês que daqui por diante não darei nada a ninguém. A gente paga sempre por ser generoso.” (WILDE, 2014, p. 9) quanto no próprio desenrolar dos acontecimentos uma vez que Hans morre por condescender em demasia ao Moleiro. Na escrita original: “I will certainly take care not to give away anything again. One always suffers for being generous.”⁴ (WILDE, 2014, p. 11)

Continuando o percurso, o segundo nível trabalha com anarratividade. José Luiz Fiorin alerta para a distinção entre narratividade e narração: esta “concerne a uma determinada classe de textos. Aquela é uma transformação situada entre dois estados sucessivos e diferentes [...], quando se tem um estado inicial, uma transformação e um estado final.” (2001, p. 21). O segundo nível, então, concebe a narrativa como mudança de estados, em que o sujeito age “em busca dos valores investidos nos objetos” e como “sucessão de estabelecimentos e de rupturas”, de que decorrem os conflitos e a circulação de objetos. Em suma, as estruturas narrativas simulam a história do homem em busca de valores e os conflitos que marcam os relacionamentos humanos.

Quanto à narrativa como mudança há basicamente dois tipos de enunciados: os de estado (em que há uma relação de conjunção ou disjunção entre um sujeito e um objeto) e os

⁴Take care: tomar cuidado. Ao pé da letra, a tradução seria “Eu certamente tomarei cuidado para não dar de presente coisa alguma outra vez”. Suffer significa sofrer, padecer. No português, uma das acepções de pagar é essa, daí a opção por traduzir “A gente paga sempre por ser generoso”.

de fazer (em que ocorrem as transformações por conta das ações dos sujeitos alterando-se os estados de junção). São dois os tipos de objeto desejados pelo sujeito: “objetos modais (oquerer, o dever, o poder e o saber), necessários para a obtenção dos objetos de valor - que são objetivo último da ação narrativa.” (FIORIN, 1999, p. 5). A fim de evitar mal entendidos há uma distinção fundamental entre sujeito e pessoa, objeto e coisa: “Sujeito e objeto são papéis narrativos que podem ser representados num nível mais superficial por coisas, pessoas ou animais” (FIORIN, 2001, p. 22). Nas palavras de Oliveira e Landowski,

No nível das estruturas narrativas, as categorias fundamentais são convertidas à ordem do fazer. Trabalha-se, então, com dois tipos de enunciados elementares: os de estado, em que um sujeito está em relação de junção ou de disjunção com um objeto, e os de fazer, em que se opera uma transformação na relação entre sujeito e objeto: de disjunção para junção ou vice-versa. As operações de aquisição e de perda de objetos correspondem, respectivamente, à afirmação e à negação de valores no nível fundamental. (OLIVEIRA; LANDOWSKI, 1995, p. 77)

O sujeito Gigante entra em disjunção com a Primavera/Verão/Outono (elementos que tornam o jardim bonito) e em junção com o Inverno (Neve, Gelo, Vento Norte, Granizo que tornam o objeto jardim desagradável) quando expulsa as crianças não permitindo a entrada de ninguém através do objeto-modal poder (o jardim era dele e, assim sendo, tinha poder para expulsar ou permitir a entrada de alguém). A junção com o "jardim bonito"/Primavera e a disjunção com o Inverno quando as crianças voltam e o Gigante ajuda o menino, derruba o muro, permite a entrada e participa das brincadeiras. Ou seja, os enunciados de estado e os de fazer são orquestrados de forma que quando egoísta há a disjunção, quando generoso há a junção com o objeto. O objeto-valor, no geral, é o mesmo: o jardim. Notar que quando o gigante é egoísta ele não tem mais um belo jardim, assim como as crianças não tem onde brincar. As crianças são sujeitos na junção com as estações que tornam o objeto-valor um lugar bonito e desejável.

Ainda no segundo nível, o programa narrativo é um "enunciado de fazer que rege um enunciado de estado" (BARROS, 2000, p. 20). No conto analisado, os programas narrativos referentes ao nosso percurso são:

PN1: O gigante tira das crianças o jardim (sujeito do fazer é o gigante, a transformação é a de expulsar, proibir, vedar, o sujeito de estado que tem sua situação alterada é "as crianças".) – trata-se de um programa de privação, pois termina em disjunção.

PN2: As crianças conseguem entrar no jardim novamente trazendo a Primavera, especialmente um menino (sujeito do fazer são as crianças, a transformação é a de

"derreter o coração do gigante", o sujeito de estado é o gigante). –tem-se aqui um programa de aquisição, pois termina em conjunção.

PN3: O gigante derruba o muro, permite a entrada das crianças e adquire o valor da generosidade (sujeito do fazer é o gigante, transformação é a de "ser bondoso", sujeito de estado é o gigante). –também um programa de aquisição.

Em *O Amigo dedicado*, há dois sujeitos a serem considerados: Hugo, o Moleiro, e Hans. O primeiro entra em conjunção com uma amizade que traz vários benefícios: flores, serviços, objetos. Essa conjunção é conseguida de modo exploratório, porém com a permissão do outro incapaz de dizer “não”. O segundo entra em disjunção com a vida ao final da narrativa, crente na amizade do Moleiro que dizia tantas “palavras bonitas” chega a extremos perdendo o objeto-valor vida. Interessante que o ciclo “exploratório” começou especificamente quando Hugo promete a Hans dar-lhe um carrinho de mão usado como presente, a partir daí usa esse ato de generosidade como desculpa para exigir vários favores e quando chegamos ao fim da história percebemos que o tal carrinho não chega sequer a ser dado e que provavelmente os reais motivos para o Moleiro dá-lo é que “o meu carrinho de mão e agora não sei realmente o que fazer com ele. Atravanca a minha casa e está em tão más condições que se o vendesse, não lucraria nada.” (WILDE, 2014, p. 9). Os programas narrativos são:

PN1: Moleiro promete um carrinho de mão para Hans (sujeito do fazer é o Moleiro, transformação é a de presentear, “ser generoso e amigo”, sujeito de estado é o pequeno Hans).

PN2: Hans faz vários favores ao Moleiro culminando no episódio que porá fim a própria vida. (sujeito do fazer é o Hans, transformação é a de servir, ser dedicado, sujeito de estado é o Moleiro).

Outro modo de olhar a narrativa é considerar Hans como um objeto-valor em que o Moleiro está em conjunção e depois, por enviá-lo a uma tarefa perigosa negando-se a emprestar um item (a lanterna) que o ajudaria a cumpri-la, entra em disjunção com Hans, pois este perde a própria vida. O sujeito Moleiro é quem causa a ruína e a própria disjunção com o seu objeto-valor. Hans é passivo na narrativa, fazendo tudo o que o seu “amigo” pede.

O programa narrativo nesse caso é: O Moleiro pede a Hans para buscar o médico para seu filho em uma noite de intensa nevasca sem emprestar-lhe a lanterna para que ele pudesse enxergar no escuro, por consequência este acaba morrendo afogado em uma das valas (sujeito do fazer é o Moleiro, transformação é a de morrer, arriscar a vida e perdê-la, sujeito de estado que tem sua situação alterada é o pequeno Hans). Trata-se de um programa de privação, pois termina em disjunção tanto para o Moleiro quanto para Hans.

Uma última consideração aqui a ser feita a respeito do segundo nível, entre as fases de uma narrativa complexa, destacamos a manipulação presente de forma decisiva em *O amigo dedicado*. O sujeito para conseguir o que deseja age sobre outro usando de súplica, ameaça, ordem, etc.. Dentre as formas de manipulação, destacamos:

- a. Sedução: em que o destinador manifesta um saber fazer o destinatário querer fazer, elogiando-o ou enaltecendo-o de tal maneira que qualquer sinal de recusa à manipulação significaria também a renúncia a todas as qualidades que lhe foram atribuídas;
- b. Tentação: domínio em que o destinador demonstra poder fazer o destinatário querer fazer, apresentando-lhe uma recompensa de algum modo irrecusável;
- c. Provocação: caso no qual o primeiro actante obtém com o seu saber fazer o dever fazer do destinatário, já que o leva a agir como única forma de refutar a depreciação que lhe foi imposta;
- d. Intimidação: processo que põe em cena um destinador dotado de um poder fazer (normalmente extradiscursivo) o destinatário deve fazer a partir de algum tipo de ameaça. (TATIT, 2002, p. 191)

Em *O amigo dedicado*, O Moleiro manipula Hans para atender seus pedidos usando de sedução ao dizer que um bom amigo atenderia e não seria nada amistoso recusar, e de tentação ao colocar sempre em perspectiva o recebimento do carrinho de mão como recompensa.

Finalmente, o terceiro nível do percurso gerativo de sentido diz respeito à concretização das abstrações. A narração se torna discurso quando o sujeito enunciador faz seleções de tempo, de pessoa, de espaço, de figura, etc. “O nível discursivo produz as variações de conteúdos narrativos invariantes” (FIORIN, 2001, p. 29). Por exemplo, a dicotomia /coragem/ *versus* /covardia/ pode ser concretizada a partir de uma narrativa em que o sujeito comete um ato de covardia entrando em conjunção com esta (traição, recusa a ajudar alguém que pede socorro, um “ataque pelas costas” do adversário, etc.) e, no decorrer da narrativa, o sujeito pode passar a um estado de conjunção com a coragem arriscando a vida para salvar alguém, entrando em situações de perigo para ajudar outros etc.. Enfim, as diferentes maneiras as quais o autor escolherá para concretizar sua história, situam-se nesta etapa.

Em *O gigante egoísta*, o narrador selecionado é heterodiegético, o tempo não é especificado e o espaço é restrito, um jardim (pode ser qualquer um em qualquer lugar). Estas escolhas sugerem um distanciamento - procedimento chamado desembreagem enunciativa. Os diálogos provocam um efeito de realidade e há um conteúdo implícito interessante quanto à identidade do "menininho" e a significação do objeto "jardim"

No nível do discurso, há um conflito entre gigantes e crianças digno de reflexão. No imaginário coletivo literário, os gigantes são criaturas célebres por sua maldade, por comer pessoas, nos “contos de fadas” principalmente crianças. Na mitologia grega, os gigantes são filhos de Gaia, feitos com o sangue de Urano, descritos como "seres enormes, fortíssimos e de aspecto aterrador, às vezes representados com serpentes ao invés de pernas" (RIBEIRO JR, 2013). Outros exemplos que ilustram esse imaginário são Golias da história João e o pé de feijão e a Feiticeira Branca de As crônicas de Nárnia. Por outro lado, as crianças costumam simbolizar a pureza, há várias passagens bíblicas que as descrevem positivamente, como por exemplo, "Vinde a mim as criancinhas [...] delas é o Reino dos Céus" (Lucas 18:16) e "Vocês devem mudar de atitude e se tornar como crianças. Se não fizerem isso, jamais entrarão no reino do céu!" (Mateus 18:3). Percebe-se, a partir da consideração desses elementos, que o conto de Oscar Wilde não desconsidera este conflito, no entanto, reinventa-o, redimindo o gigante que se torna amigo das crianças.

Outro ponto do nível discursivo é que a Primavera, a Neve, o Gelo, o Vento Norte, as árvores, as flores são personificados ao estilo dos contos de fada. Utiliza-se a figura de linguagem denominada prosopopeia.

Uma noção importante no terceiro nível quanto à semântica discursiva é a de isotopia. Conforme Diana Luz de Barros, “A reiteração dos temas e a recorrência das figuras no discurso denominam-se isotopia. A isotopia assegura, graças à ideia de recorrência, a linha sintagmática do discurso e sua coerência semântica” (2000, p. 74). Há basicamente dois tipos de isotopia: a temática, "decorre da repetição de unidades semânticas abstratas, em um mesmo percurso temático" e a figurativa, "caracteriza-se pela redundância de traços figurativos, pela associação de figuras aparentadas" (BARROS, 2000, p. 74). No conto de Oscar Wilde, tem-se a isotopia figurativa da frieza representada pelos elementos: Inverno, Gelo, Neve, Vento Norte, Granizo que estão presentes quando o gigante comporta-se egoisticamente, revestindo assim o tema do egoísmo. As figuras da Primavera, Verão, Outono, flores, frutos, pássaros, por sua vez, aparecem quando as crianças voltam ao jardim e o gigante deixa de ser egoísta, passando a adotar uma postura generosa e amigável.

O Amigo dedicado possui dois narradores. O “pintarroxo” conta a história de Hans e Hugo para um rato que estava falando sobre amizade. Não há provas de que o pintarroxo tenha sido espectador da história que conta, portanto, trata-se provavelmente de um narrador heterodiegético. O outro narrador é o que inicia o conto “Certa manhã o velho Rato d’água pôs a cabeça fora do buraco. Tinha uns olhos redondos muito vivos e uns duros bigodes

cinzentos, e sua cauda parecia um comprido elástico negro.” (WILDE, 2014, p. 1) Ao final este narrador posiciona-se na história:

- Receio tê-lo aborrecido - replicou o Pintarroxo. - O fato é que lhe contei uma história com uma moral.
- Ah! Isso é sempre uma coisa muito perigosa de fazer-se - disse a Pata. E eu concordo inteiramente com ela. (WILDE, 2014, p. 10).

Nas “duas histórias” contadas cada por um por seu narrador a temática central é a mesma, a amizade, e o Rato e o Moleiro são absurdamente semelhantes quanto a concepção do que seja um “amigo dedicado”. Vejamos.

- [...] Asseguro-lhe que não conheço no mundo nada mais nobre ou mais raro do que uma amizade dedicada.
- E diga-me, rogo-lhe: que ideia forma o senhor dos deveres de um amigo dedicado? - perguntou um Pintarroxo verde que tinha escutado a conversa, pousado num salgueiro retorcido.
- Sim, é isto precisamente o que eu desejaria saber - disse a Pata. E nadou para o extremo da lagoa, de cabeça erguida, a fim de dar um bom exemplo aos seus filhos.
- Pergunta tola! - gritou o Rato d'água. - Como é natural, entendo por amigo dedicado aquele que a mim se dedica.
- E que fará o senhor para retribuir-lhe? - perguntou o passarinho, balançando-se num ramo prateado e agitando as suas asinhas.
- Não o compreendo - respondeu o Rato d'água.
- Permita-me que lhe conte uma história a respeito deste assunto - disse o Pintarroxo. (WILDE, 2014, p. 1)

A própria personagem Rato atesta a semelhança quando interrompe a narrativa do Pintarroxo e diz “Estou a gostar muito do Moleiro. Eu mesmo possuo toda espécie de belos sentimentos, de modo que existe entre nós uma grande simpatia.” (WILDE, 2014, p. 4). Este conto também possui características inegáveis dos contos de fadas: animais falantes, indeterminação do tempo e do espaço - “Certa manhã” e “Era uma vez”, respectivamente, nas páginas um e dois -, e uma moral, elemento considerado perigoso pelas personagens e pelos narradores.

Há isotopias figurativas da generosidade, lealdade, dedicação e sinceridade colocadas como qualidades de um bom amigo e imprescindíveis em um relacionamento amistoso: “Os amigos verdadeiros repartem tudo entre si”, “A amizade nunca esquece.”, “a generosidade é a essência da amizade”, “falar completamente sem rodeio”, “dizer claramente o que se pensa” “fazendo o bem.” (WILDE, 2014, p. 2, 4, 5, 6). O tema da amizade é colocado de maneira intensamente irônica e de certa forma revoltante, o Moleiro tem um belo discurso sobre a amizade completamente ciente das qualidades que tornam alguém um amigo, no entanto não põe em prática suas palavras, exigindo apenas do outro, no caso o pequeno Hans, o

comportamento de um amigo dedicado. Com o argumento de que dará num “ato de pura generosidade” o seu carrinho de mão para o amigo ele pede vários favores, considerando pouco amistoso da parte de outrem recusar. Creio que a moral da história refere-se às exigências que podemos fazer aos outros sem atentar se nós mesmos as praticamos, uma vez que o Pintarroxó conta a história para o rato que acredita ser um bom amigo aquele que se dedicasse a ele. A leitura também pode ser feita na direção de alertar quanto a certas amizades motivadas por interesse em que não há troca e interação alguma, uma das partes esforça-se demasiadamente pela outra que não se preocupa em retribuir ou dar um fim ao exagero.

CONCLUSÃO

O percurso gerativo de sentido proposto pela teoria semiótica francesa ou greimasiana avança gradualmente para o “parecer de sentido” de uma composição. Partindo das categorias semânticas abstratas do primeiro nível, avançando para a narratividade do segundo e culminando na discursividade concreta do terceiro nível é possível desvendar muito desse complexo tecido chamado texto.

Analisamos aqui dois contos escritos pelo inglês Oscar Wilde: *O gigante egoísta* e *O amigo dedicado*. Percebemos a presença da mesma isotopia nas estruturas fundamentais /egoísmo/ versus /generosidade/, porém trabalhadas de maneira particular em cada conto, no primeiro, por exemplo, a generosidade é tratada como eufórico, enquanto que no segundo é disfórica. Quanto às estruturas narrativas, as noções de junção, sujeito, objeto aprofundaram as interpretações para cada história, ajudando a depreender os programas narrativos. As seleções espaciais e temporais foram brevemente explicadas no nível discursivo, além da noção de isotopia.

Ambos os contos refletem profundamente a respeito das temáticas de bondade e amizade. O gigante egoísta traz um desfecho comovente e trata de modo interessante a figura de Jesus representada pelo misterioso “menininho” que apareceu no jardim cuja identidade é sugerida nesse desfecho. Por outro lado, trágica é a história do pequeno Hans e revoltante o comportamento do Moleiro, bem como do próprio Hans que não enxerga o absurdo da situação. Não há como esquecer que de fato é perigoso contar uma história com moral.

A análise realizada neste artigo refletiu sobre dois textos da literatura com o objetivo de enriquecer a fortuna teórica propondo um olhar semiótico dessas composições. Usou-se em grande parte o material traduzido para a língua portuguesa, mas quando necessário foram colocados os excertos na língua originalmente escrita e feitos esclarecimentos a respeito.

Esperamos que este artigo contribua para o conhecimento tanto da teoria quanto dos contos, enriquecendo as discussões teóricas e artísticas desse vasto campo que é a Literatura.

REFERÊNCIAS

BARROS, Diana luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru: EdUSC, 2003.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

FIORIN, José Luiz. Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva. *Revista D.E.L.T.A.*, vol.15, nº 1, 1999.

OLIVEIRA, Ana Cláudia de; LANDOWSKI, Eric. *Do inteligível ao sensível: em torno da obra de Algirdas Julien Greimas*. São Paulo: EDUC, 1995.

RIBEIRO JR., W. A. A gigantomaquia. Portal Graecia Antiqua, São Carlos. Disponível em www.greciantiga.org/arquivo.asp?num=0175. Acesso em 3 de jul. 2014.

TATIT, Luiz. A abordagem do texto. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à Linguística*. v.1. São Paulo: Contexto, 2002.

WILDE, Oscar. O amigo dedicado. Minha Teca. Disponível em: <http://minhateca.com.br/geraldo.hill/Literatura/OSCAR+WILDE/Oscar+Wilde+-+O+Amigo+Dedicado,13722256.pdf>. Acesso em 15 de set. 2014.

WILDE, Oscar. O gigante egoísta. Oscar Wilde. Disponível em: <http://oscarwilde2k.blogspot.com.br/2009/01/o-gigante-egoista.html>. Acesso em 28 de jun. 2014.

WILDE, Oscar. The devoted Friend.Short Stories.Disponível em: <http://www.eastoftheweb.com/short-stories/UBooks/DevFri.shtml>. Acesso em 15 de set. 2014.

WILDE, Oscar. The selfish giant.Short Stories. Disponível em:<<http://www.eastoftheweb.com/short-stories/UBooks/SelGia.shtml>>. Acesso em 28 de jun. 2014.